

QUEM QUISER
CONHECER-ME
LEIA-ME

TRIBUTO A
MIGUEL TORGA (1907-1995)



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE, EDIÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal de Coimbra

TEXTOS

Manuel Machado

Carina Gomes

Guilherme d'Oliveira Martins

António Pedro Pita

Clara Rocha

IMAGENS

Câmara Municipal de Coimbra

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

FIG - Indústrias Gráficas, SA

TIRAGEM

500 exemplares

EDIÇÃO

2020

DEPÓSITO LEGAL

472869/20

A ortografia é da responsabilidade dos autores dos textos.

QUEM QUISER
CONHECER-ME
LEIA-ME

TRIBUTO A
MIGUEL TORGA
(1907-1995)



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA

TRIBUTO A
MIGUEL TORGA (1907-1995)

Miguel Torga, pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha, ímpar e prestigiado poeta, romancista, contista, mensageiro da língua portuguesa e cidadão íntegro, foi um dos maiores escritores da literatura portuguesa de todos os tempos, um dos mais marcantes do Século XX, e com indiscutíveis e consabidos laços a Coimbra.

Escritor universal, com uma obra que passa pela poesia, pelo teatro, pelo ensaio, pelo conto, pelo romance e pela prosa diarística, foi o primeiro autor a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa: o Prémio Camões, entregue em Ponta Delgada, no âmbito das comemorações do 10 de Junho de 1989, numa cerimónia presidida pelo Presidente da República, Mário Soares.

A lucidez, a frontalidade, o desassombro, o domínio perfeito da língua, a bravura assertiva, a verticalidade e a liberdade são notáveis neste Homem, médico, escritor, poeta e cidadão rigoroso. Razões mais do que suficientes que levam a Câmara Municipal a elevar diariamente a sua memória e obra. No ano em que se assinalam 25 anos sobre a sua morte, recordamos este grande vulto da cultura que elegeu Coimbra para viver e que permanece vivo nos seus escritos e na atualidade dos seus desígnios.

Assim, deixo o desafio: se quiser conhecê-lo, leia-o!

Manuel Machado

Presidente da Câmara Municipal de Coimbra

1907-1995
**MIGUEL
TORGA**
25 ANOS DA MORTE



17 DE JANEIRO
ENTRADA LIVRE

CASA-MUSEU MIGUEL TORGA

14h30 **ROTEIRO TORGA***

17h00 **ABERTURA DA EXPOSIÇÃO
MIGUEL TORGA E JOSÉ RÉGIO NA
RELAÇÃO COM A "PRESENÇA"**

17h30 **A CONTEMPORANEIDADE DA OBRA
DE MIGUEL TORGA NO CONTEXTO
LITERÁRIO, CÍVICO E POLÍTICO**
GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS
ADMINISTRADOR EXECUTIVO DA FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

**MIGUEL TORGA E A POESIA: PARA
UM MAPA DO "CAMINHO ÓRFICO"**

ANTÓNIO PEDRO PITA
DOCENTE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

18h30 **declAMAR POESIA**

SALÃO BRAZIL

22h00 **VIAGEM A UM REINO
MARAVILHOSO**
CONCERTO DE LAVOISIER

* MEDIANTE INSCRIÇÃO



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA

TRIBUTO A MIGUEL TORGA (1907-1995)

Assinalamos, hoje, os 25 anos da morte de Miguel Torga, pseudónimo de Adolfo Rocha, um dos maiores vultos da literatura portuguesa, um grande escritor ibérico e uma figura incontornável da nossa cidade. Hoje, na Casa-Museu Miguel Torga, onde nos encontramos, continuamos a prestar-lhe a justa e devida homenagem. Evocar a vida e a obra de um dos mais influentes escritores portugueses do século XX, respeitando e promovendo o seu legado, é uma das missões da atividade cultural da Câmara Municipal de Coimbra.

É com este propósito que esta Casa, onde viveu Adolfo Rocha com a sua família, abre as suas portas quase diariamente, revelando e recriando o ambiente em que viveu o escritor, não apenas através da exposição de documentos e objetos pessoais e de trabalho, mas também da promoção de uma agenda cultural recheada e de uma forte ligação às escolas, ao público infantojuvenil e às associações culturais do concelho, acolhendo, também, visitantes de todo o País e estrangeiro.

Como cidade de cultura e mosaico de encontros civilizacionais, Coimbra tem a responsabilidade – e tem sabido fazê-lo com êxito – de preservar a sua história, de honrar as suas memórias e projetá-las no futuro. Já tive oportunidade de o afirmar antes e gostaria de repetir aqui, neste contexto: num momento em que Coimbra prepara a sua candidatura a Capital Europeia da Cultura em 2027, empreender novas e arrojadas aventuras criativas é tão importante quanto honrar a obra de todos os que con-

tribuíram para valorizar a nossa cidade através da cultura. Assim, neste dia e na sua casa, evocamos e honramos a herança literária, cívica e política que Torga nos deixou.

Vinte cinco anos depois da sua morte, a Câmara Municipal de Coimbra não poderia deixar de assumir a responsabilidade de recordar Torga e, por essa razão, preparámos um programa que inclui sessões de declamação de poesia no Instituto Português de Oncologia de Coimbra – local onde Adolfo Rocha viria a falecer, visitas guiadas, conferências, uma exposição sobre Miguel Torga e José Régio, um concerto, sessões de cinema e uma nova edição do livro de escrita.

Resta-me um agradecimento sincero pela presença de um público tão interessado e de oradores tão prestigiados, o Doutor Guilherme D’Oliveira Martins e o Doutor António Pedro Pita, que gentilmente aceitaram o convite para partilharem connosco aspetos diversos da vida e da obra de Miguel Torga.

Não quero terminar sem antes transmitir os cumprimentos da Doutora Clara Rocha a todos os presentes e agradecer, mais uma vez, pela participação de todos nesta celebração de mensagem e homenagem a um dos nossos maiores e melhores.

Obrigada.

Carina Gomes

Vereadora da Câmara Municipal de Coimbra

17 janeiro de 2020

TRIBUTO A
MIGUEL TORGA (1907-1995)

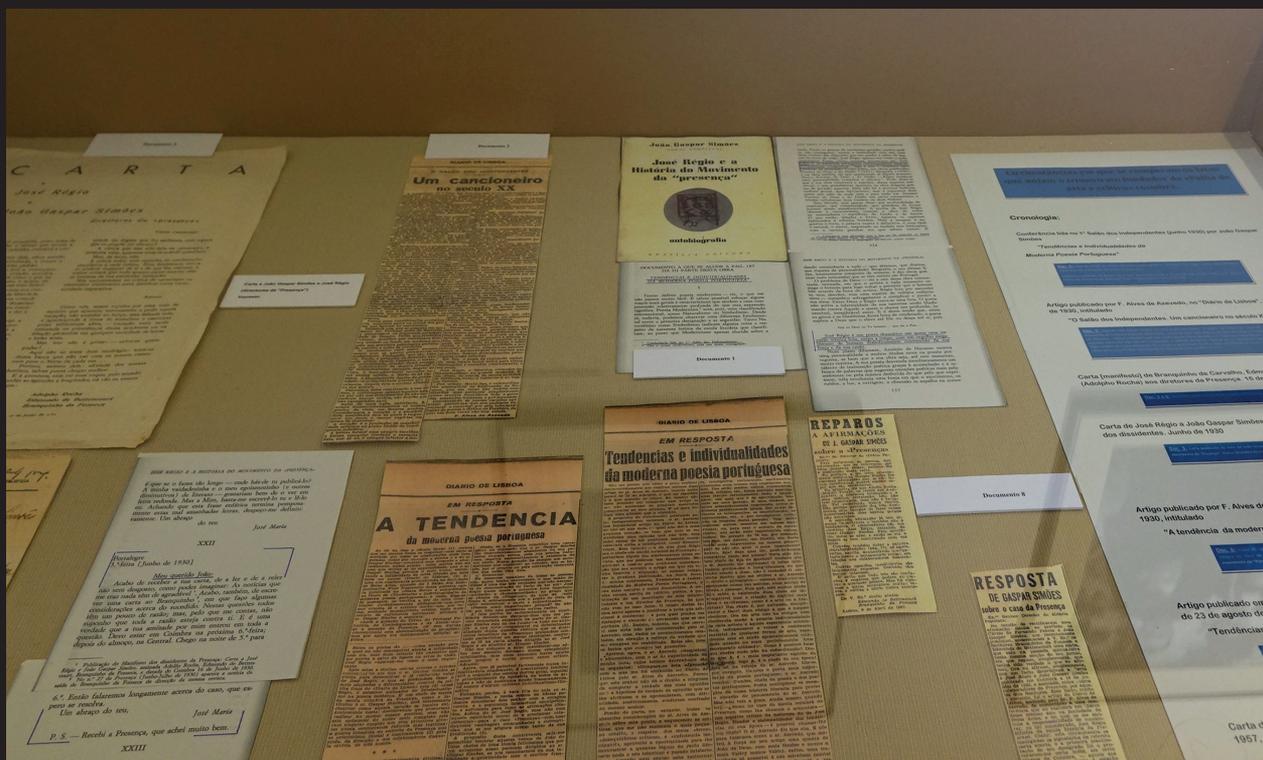


Sala Exibições, Casa Museu Miguel Torga



Sala Exibições, Casa Museu Miguel Torga

TRIBUTO A MIGUEL TORGA (1907-1995)



Sala Expositões, Casa Museu Miguel Torga



Sala Expositões, Casa Museu Miguel Torga

TRIBUTU A
MIGUEL TORGA (1907-1995)



Manuel Machado, Guilherme d'Oliveira Martins e Carina Gomes

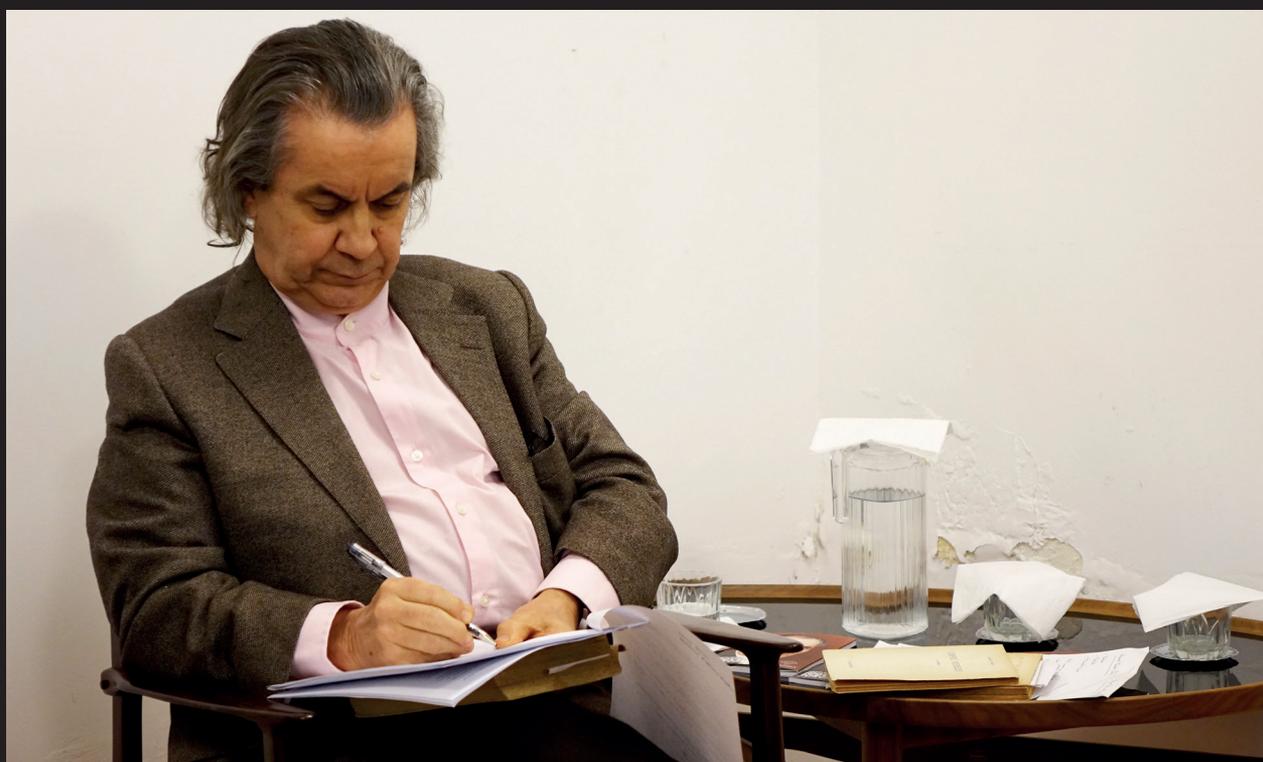


Manuel Machado, Guilherme d'Oliveira Martins, Carina Gomes e António Pedro Pita

TRIBUTO A
MIGUEL TORGA (1907-1995)



Guilherme d'Oliveira Martins, Carina Gomes e António Pedro Pita



António Pedro Pita

TRIBUTO A
MIGUEL TORGA (1907-1995)



Guilherme d'Oliveira Martins



Carina Gomes, António Pedro Pita e Guilherme d'Oliveira Martins

TRIBUTO A
MIGUEL TORGA (1907-1995)



Auditório, Casa Museu Miguel Torga, grupo declAMAR POESIA



Carina Gomes, António Pedro Pita, Guilherme d'Oliveira Martins

A MELHOR HOMENAGEM É LER MAIS TORGA NAS ESCOLAS.

Guilherme d'Oliveira Martins

Venho a Coimbra, a casa de Miguel Torga, com muito gosto e honra, sobretudo para assinalar os 25 anos do falecimento do grande Mestre. Conheci pessoalmente Miguel Torga em Albufeira, no Algarve, no declinar dos anos setenta, e tive um natural estremecimento de admiração. Lembro-me bem das palavras simpáticas que me dirigiu. Falou-me da «História da Civilização Ibérica» e da influência exercida por esse livro na sua formação. Esse era um tempo de debates acalorados, mas o escritor falou sobretudo de literatura e de história e dos horizontes amplos de um Portugal sofrido e incerto, que ia desaparecendo. Procurei fixar com memória fotográfica tudo daquele momento aparentemente vulgar, em que estava rodeado de amigos de toda a vida, mas que significava um encontro singularíssimo. E ficam os ecos do que disse no seu «Portugal»: «o Algarve, para mim, é sempre um dia de férias na pátria. Dele nunca me considero obrigado a nenhum civismo, a nenhuma congeminação telúrica nem humana. Debruço-me a uma varanda de Alportel e apetece-me tudo menos ser responsável e ético». E no entanto Torga, ali comigo, com o meu saudoso amigo, médico e poeta, Doutor Manuel Santos Serra, num dia de luminosidade incandescente, com a voz serena e pausada e os olhos contentes, era em tudo, na conversa, na memória, o ser responsável e ético para quem a pátria era sempre uma questão muito séria.

Portugal era para o filho de S. Martinho de Anta um totem, uma referência altiva e permanente. Um dia, conta-nos no «Diário», em viagem na linha do norte, ao ver «a paisagem a fugir dos olhos a cem à hora, o prato a dançar sobre a mesa e o caldo a saber a bedum», perguntava: «quem é que se identifica com a courela inamovível onde nasceu». E a resposta

tem a ver com a aversão a um qualquer movimento descontrolado: «As pátrias não se mexem do sítio, nem consentem que a gente mexa também». Esta foi sempre a atitude de Torga para com Portugal, encarado como lugar referencial, como realidade multifacetada, cadinho de mil perspetivas e atitudes. «Em Portugal é assim: nada de enfartamentos artísticos. É preciso juntar muitas migalhas – um friso de Paço de Sousa, um claustro de Cete, uma cornija de Cabeça Santa – para se conseguir uma refeição frugal do espírito» (*Diário VI*). Longe das abstrações, Portugal é uma composição de elementos diferentes e contraditórios, que se projeta na impossibilidade de simplificar para entender a terra e as gentes, num esforço necessário para procurar linhas de força e de fraqueza. «Microcosmo variegado, ora montanhoso, ora ondulado e plano, de cada miradouro é inédito e diverso. Árido aqui, verdejante ali, terroso acolá, passeá-lo é conhecer em miniatura as feições aráveis da Terra. Sulcado por rios líricos ou dramáticos, consoante o leito, espelha-se neles ao natural o perfil da paisagem» (*Diário XV*). Terra de extremos, mas também de meias tintas, permite entender bem que «a ideia de nação, embora historicamente se justifique, pelo menos cá neste Ocidente, não é de certeza a última palavra em matéria de arrumação do mundo» (como diz, em Olivença, no *Diário VII*). E o certo é que «no decorrer dos séculos, este povo pacífico, que sempre se soube defender e nunca soube agredir, aparentemente parado no tempo, foi a própria encarnação do espírito renovador, na tolerância, na curiosidade, na inventiva». No entanto, o autor não se exime à crítica severa da sabujice e da mesquinhez; não tolera a hipocrisia; por achar que é necessário criar um sentido positivo de futuro. Se tem deslumbamentos, no amor da terra mítica, não esquece as invetivas severas,

as acusações sem piedade. «Fundadora de novas pátrias, esta pequena pátria» tem uma «inquietação dispersiva que faz o português um peregrino das sete partidas, um cidadão do mundo». Mas os contrastes são evidentes – de um lado, «o Portugal telúrico e arcaico, ainda não desfigurado na alma»; de outro, o país «contemporâneo do presente, cosmopolita e cultivado, que tem pergaminhos nas artes, nas letras, na política e na religião». Porém, o Portugal eterno é «o do arado e do remo», país «anónimo e humilde», que não cabe «nas crónicas, mas avaliza alguns dos mais significativos passos da história da humanidade» (*Diário XV*).

Como costumava dizer este discípulo de Cervantes e de Unamuno (Miguel, como eles, no nome que adotou ligado à designação de uma urze brava), «cada qual procura-se onde se sente perdido. Eu perdi-me em Portugal e procuro-me nele». Eis porque a pátria está sempre presente na sua reflexão e na sua vida. De norte para sul, não há dúvidas que se fixa essencialmente no Reino Maravilhoso – «do meu Marão nativo abrange-se Portugal; e de Portugal abrange-se o mundo». E sentimos que sempre houve e haverá reinos maravilhosos e sofremos o calafrio do assombro. «Para cá do Marão...». Foi daqui que partiu o escritor para ver o mundo – «Terra Quente e Terra Fria. Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas». Assim se entende o homem de extremos que Torga foi, doce e implacável. E assim se entende que o verde acolhedor do Minho o não satisfaça, apesar da alegria e da lhaneza («havia, inegavelmente, um ópio esparso, sedutor dos sentidos, a tentar-me desde o começo»). «Em Portugal, há duas coisas grandes, pela força e pelo tamanho: Trás-os-Montes e o Alentejo. Trás-os-Montes é o ímpeto, a convulsão; o Alentejo, o fôlego, a extensão do alento». São, no fundo, províncias irmãs que tocam profundamente o coração do escritor. Depois vem o Doiro, «rio e região», certamente «a realidade mais séria que temos» – e «é, no mapa da pequenez que nos coube, a única evidência incomensurável com que podemos assombrar o mundo».

«Ah! Eu gosto do Porto!» – a primeira cidade do Portugal peninsular, escreveu-o em 1950. «A velha e livre cidade do Porto, onde há pouco tempo ainda só se podia entrar a tremer sobre pontes, com licença paga, por um túnel, ou revistado de cima abaixo...».

A mesma cidade cujos forais não permitiam a fidalgo, nem poderoso, nem abade bento, o poisar nela mais que três dias... E a Beira? «Como aquelas divindades ciosas, que não consentem adoração a mais nenhum poder, só fascinado por ela o peregrino é capaz de caminhar e perceber. Beira quer já de si dizer beira da serra. (...) Alta, imensa, enigmática, a sua presença física é logo uma obsessão». E a verdade é que a serra da Estrela não separa, une e concentra. E andando se chega a Coimbra. «Tanto o sol como a lua se esforçam por mantê-la numa irrealidade poética, feita do alvoroço das sementeiras e da melancolia das desfolhadas», mas Torga é o primeiro a pô-los de sobreaviso contra a irrealidade e a ilusão, que leva à confusão entre «um pedaço da natureza e da pátria com uma oleogravura de bordel». Linda cidade, é certo, mas há que ter consciência de «uma modesta mediania risonha». Como me lembro, quando chegava a Coimbra e avistava orgulhoso a placa do consultório de Adolfo Rocha, médico, no Largo da Portagem, 45... O Litoral é a pátria ribeirinha, a Estremadura, coutada do nosso lirismo, as fantasmagóricas Berlengas, o Ribatejo da transição e da festa brava («a vida é um desempate permanente, e o que é preciso é jogar com limpeza e formosura em cada número da caprichosa roleta»). E temos Lisboa, bonita, capital política, cosmopolita, provinciana e acomodada, simbolizada pelo «Velho do Restelo da epopeia, o melhor símbolo até hoje concebido do Portugal de courelas e ovelhas», que vive ainda «na pele do homem que nos nossos dias desce da Estrela, do Marão e da Peneda, pernoita na Mouraria, e amanhece com um travo a carne cosmopolita e venal, a fado, a volúpia de maresia de Oriente». Mas a nação não morre de amores pela capital, e esta paga-lhe na mesma moeda... Afinal, «o país não é o Terreiro do Paço!» E este é o dito simétrico do outro que usam as gentes do Marão... O país permite sempre que seja visto de vários ângulos. Para Torga, na senda de Alexandre Herculano, Portugal não nasceu feito, faz parte das nações que se fizeram, «contra todos e contra tudo, e nunca teve sossego nas fronteiras»... E, no fundo, Jacinto do Prado Coelho tinha razão: ao tentarmos ver qual o Portugal de Torga, deparamo-nos com um Portugal que o fez, «mas que em parte ele inventou». E cabe-me concluir, afirmando que a melhor homenagem que podemos fazer a Miguel Torga é lê-lo, lê-lo sempre, designadamente nas escolas. Assim tomaremos contacto com a língua, com a melhor literatura e com o melhor conhecimento e amor de Portugal.

MIGUEL TORGA E A POESIA: PARA UM MAPA DO “CAMINHO ÓRFICO”¹

António Pedro Pita

No “pórtico” da «Antologia Poética» publicada em 1981, Miguel Torga escreve o seguinte: “contra todas as razões, seduzia-me a perspectiva de reviver o longo caminho órfico que iniciei às cegas, calcorreei a tactear e estou em vias de concluir de olhos abertos, no espanto de quem vê finalmente, a plena luz, a fundura dos abismos a que desceu”.

A declaração pode ser considerada numa chave cronológica: o poeta revê mais de cinquenta anos de atividade poética, iniciada em 1928 («Ansiedade») e escolhe, seleciona, depura uma produção volumosa. Mas a organização da «Antologia Poética» pode ser entendida como *uma operação*, a cuja complexidade o próprio poeta também alude: “se seria legítimo desirmanar cada um dos poemas que nela [«Antologia»] agora figuram dos outros com que emparelham em livros entendidos como unidades redondas”. No fundo, o poeta interroga a legitimidade de produzir uma configuração mais funda do seu rosto poético: o que fragmentariamente foi sendo apresentado ao longo das décadas, sofre agora uma transfiguração violenta, decisiva, definitiva. Esta operação não é, só, a transição do fragmento para o Todo. É a própria constituição de um Todo que exige uma outra chave de leitura, uma chave ontológica. «Antologia Poética» é uma ontogénese da experiência da poesia ou da poesia como experiência.

Será nesta via que o presente pretende caminhar.

1.

Em vários textos do «Diário», Miguel Torga explicita a *dimensão cultural da poesia*, quero dizer: fala da poesia como acontecimento ou facto *cultural*.

Na ordem e na longa duração da cultura, responde

pelo nome de “poesia” a possibilidade mais profunda (ou mais alta) de arrancar os homens à solidão de seres individuais, estabelecer entre eles os laços de uma mesma comunhão fraternal (cf.: «Diário VI»: p. 19) e dar-lhes um horizonte de eternidade. Escreve: “o que fez da Poesia um dos picos imaculados da cultura europeia, e ao mesmo um factor decisivo da consciência universal, foi o seu heroísmo e a sua fidelidade a tudo o que é eterno” («Diário VI»: p. 19). Heroísmo: uma independência, uma insubmissão capaz da “denúncia dos crimes e das injustiças de que são testemunhas”; “antes de trair, os poetas têm a obrigação de sucumbir” («Diário VI»: p. 19). Os poetas são “corvos fugidos da arca onde navegava o medo e a passividade, terão de enfrentar a fúria do dilúvio e descobrir o rochedo onde não cheguem as vagas de nenhuma tirania” («Diário VI»: p. 19). Este lance metafórico – o poeta é um corvo insubmisso – é mais do que a transposição de um tema nuclear de «Bichos». É uma manifestação de confiança no poder da poesia: ser imune à tirania. Como dirá noutro passo, “o poeta ... é a mais alta consciência de um tempo” («Diário VI»: p. 77), “é capaz de intuir o sentido íntimo da sua época” e encontrar a sua “expressão poética presente e a ressonância poética futura” («Diário VI»: p. 77).

É neste sentido que encontramos a “fidelidade a tudo o que é eterno”. De certo modo, a lição romântica permanece válida ou, talvez dito de outro modo, é o reconhecimento de que a construção romântica fundou a justeza transhistórica da experiência poética. Para Miguel Torga, a intemporalidade da expressão poética tinha um nome: Orfeu. É, evidentemente, ao mito de Orfeu que se refere o “longo caminho” referido no texto atrás inicialmente citado.

¹ Este breve texto fixa, mantendo o ritmo da oralidade, a comunicação apresentada no dia 17 de janeiro de 2020, na sessão que assinalou o 25º aniversário da morte de Miguel Torga e em que também participou o Dr. Guilherme d’Oliveira Martins.

Também aqui, impõe-se que avancemos com vagar. É um caminho longo, no sentido em que se prolongou por muito tempo o percurso biográfico do poeta. Mas também porque é “longo” o caminho que conduz ao poema, ou melhor: é longo e obscuro e enigmático o caminho no interior do qual o poema surge.

Antecipando: o poema não é dado, o poema não é uma oferta da inspiração mas um trabalho cuja complexidade importa compreender mais de perto – noção que infirma (ou relativiza) a justeza da experiência romântica.

Orfeu é uma figura que percorre toda a obra de Miguel Torga. Todos os que tomam consciência de si “no mesmo desejo” na “mesma angústia”, na “mesma longínqua certeza redentora” («Diário VI»: p. 89) modelada pela “eterna e sempre renovada esperança” («Diário VI»: p. 38) reconhecem-se irmãos da confraria dos “filhos de Orfeu”.

No entanto, Miguel Torga constituiu-se herdeiro dessa referência mítica através da singularidade de um adjetivo: “rebelde”. É na obra publicada em 1958 que esse «Orfeu Rebelde» ganha forma, num ciclo que se expande a partir do poema homónimo e que permite que o “caminho órfico” seja menos o caminho de todos os poetas que o são na medida em que atualizem a infeliz odisseia de Orfeu do que a diferença da peregrinação do Orfeu rebelde. Neste caso, saber-se (ou descobrir-se) poeta e tornar-se rebelde é um único mesmo longo processo.

A Ode “À Poesia” reúne os elementos mais expressivos para caracterizar essa “descoberta”. Perguntaremos: em que condições é que a experiência da poesia se revela?

É justo dizer que a experiência da poesia interrompe o que poderíamos chamar “experiência comum”. Mas é insuficiente. Porque o que verdadeiramente importa é perceber o funcionamento do dispositivo de interrupção.

Como é que a interrupção se dá? O poema propõe pelo menos quatro tópicos que não são contraditórios: o poema *vem*; a poesia *visita*; a poesia *toca*; a poesia *destina*.

Detenho-me um pouco no toque. Primeiro, para sublinhar uma possibilidade de transformação corporal, inerente à eficácia do toque. Não há interrupção da experiência comum desligada da descoberta de possibilidades desconhecidas do corpo, as quais podem preceder a consciência que se tem delas. Essa transformação é, no poema de Miguel Torga, a transfiguração dos sentidos: “porque hei-de ter

eu nos meus sentidos/As tuas formas brancas e aladas?”

Porquê, não sabemos. Mas o resultado, um resultado violentamente contraditório, é levar a materialidade do corpo a um limite, tornando possível a afirmação: “sou todo vosso,/Ritmos, imagens, emoções!”

Que o corpo seja capaz de tornar-se, todo, ritmos, imagens, emoções – é a condição contraditória da experiência poética.

Dito por outras palavras: o poeta é (um) possesso. Ou, de outro modo: a experiência poética é correlativa de uma plasticidade do humano, cuja chave é exterior (ou estranha) à autoconsciência humanista. Bem sei que a génese de «Orfeu Rebelde», isto é: o modo como este ciclo vai compondo (em sentido musical) uma identidade poética é pontuada por alguns momentos confinados aos limites de uma autorrevelação introspetiva (cf.: os poemas “Descida aos Infernos”; “Mudez”; “Guerra Civil”).

Mas vale a pena ficar à escuta e valorizar aqueles passos que nos podem situar em limites vários dessa autoconsciência humanista:

a) O Orfeu rebelde a cantar “como um possesso”; é também um “bicho instintivo” (novo aceno a uma releitura da famosa obra de 1940), expressão em que igualmente devemos sublinhar quer a referência ao “bicho” quer a referência ao “instintivo”;

b) Num poema muito a propósito intitulado “Biografia” («Orfeu Rebelde»), lê-se a dado passo: “já não sou eu que testemunho/A graça/Da poesia:É ela, prisioneira,/Que, vendo a porta da prisão aberta,/Como chispa que salta da fogueira,/Numa agressiva fúria se liberta”; claramente, aqui, a poesia prima sobre o poeta; a subjetividade do poeta cede a primazia a uma lógica cujo epicentro não é a consciência do poeta mas a consciência do poema;

c) “Aguardo o transe, a hora desmedida” («Orfeu Rebelde»). Nesta alusão à “hora desmedida”, estamos próximos do famoso debate entre o “belo” e o “sublime” que se desenvolve justamente no terreno da “medida”.

A referência ao “toque” na Ode “À Poesia” tem outra implicação: a inevitável reciprocidade entre tocar e ser tocado; a imagem mais justa da ideia de “poesia” é a do tateio, mais próximo ainda do começo às cegas do que da descoberta da luz.

É que a experiência da poesia não é a experiência do poema. A experiência da poesia (ou a poesia como experiência) é uma determinada experiência do tempo e uma determinada experiência do corpo. Enquanto experiência do tempo, é a experiência

da espera do poema. Já foi dito: o poema não é um dado nem uma simples oferta da inspiração. O poema tem início num rasgo do comum: “Aguardo o transe, a hora desmedida;/E é o próprio rosto universal da vida/Que se ilumina,/Quando o primeiro verso me fulmina”.

Anotamos, aqui, este verso: “fulminar”. Mas não é menos importante o primeiro verso do poema “Miserere nobis”: “o que um verso demora!” («Orfeu Rebelde»).

O que é que distingue a poesia do poema? As palavras. Uma vez mais, o aspeto mais interessante da poética torguiana não se prende com a insatisfação da palavra justa – “todo o santo dia me rasguei/À procura não sei/De que palavra, síntese, imagem!” («Orfeu Rebelde») – nem como o desejo de originalidade – “dar outra expressão ao que já foi dito” («Orfeu Rebelde») – mas com uma elaboração mais subtil da possibilidade e dos limites das palavras.

São as palavras que fazem acontecer o poema. Mas, por isso mesmo, são também as palavras que atrasam o poema, são as palavras que recusam o poema (“Poema que as palavras me recusam”, «Orfeu Rebelde»), são as palavras que adiam o poema (“o imortal poema/Por acontecer”, «Orfeu Rebelde»). As palavras *querem-se*: “Que mansas vêm as palavras/Quando se querem num verso!” («Antologia Poética», p. 304), como se, depois do primeiro verso, as palavras se organizassem numa coerência iluminante.

Ora, a coerência do poema é a conquista da luz. No poema não se diz o que se sabia antes nem se fixa um saber prévio. O poema é um lugar de co-

nhecimento: “permite ver, finalmente, a plena luz, a fundura dos abismos” a que o poeta desceu. É a constelação de palavras que o poema é que permite ver na opacidade, na escuridão, do abismo.

Porquê? A resposta tem um primeiro momento um pouco decepcionante, dada a relativa vulgaridade do tópico central. O poema é iluminante na proporção da sua beleza. Miguel Torga escreveu: “Amo/O duro ofício de criar beleza” («Orfeu Rebelde»).

O segundo momento da resposta, porém, recompensa. Na Ode “À beleza”, inadiável se torna a explicitação do tópico: “Um milagre, uma luz, uma harmonia,/Uma linha sem traço”. E também “sem corpo, sem pátria e sem família” («Antologia Poética»: p. 84).

No poema, as palavras estão destinadas – um destino a que serão necessariamente infiéis – a ser música ou a ser silêncio. O conselho ou o imperativo – “Duvida das palavras” («Antologia Poética»: p. 230) – só é paradoxal na medida do paradoxo da palavra poética, que uma nota do «Diário VI» esclarece: “As palavras é que me desgraçam. Elas é que são o peso morto dos meus dias de poeta. Bem as suprimo, as alijo, as purifico. Qual quê! Agarram-se-me à pena, e aí me aparecem elas, fatídicas, no meio do poema” («Diário VI»: p. 70).

Não é na ordem comunicativa que o poema se cumpre. Por isso, deve resolver, integrar, dissolver as palavras. A eficácia do poema é de outra ordem: “seja um poema como um cacto a crescer num areal” («Diário VI»: p. 161), um “punhal”, um “aguilhão”. Um milagre, uma luz, uma harmonia no deserto. O poema é a insubmissão do deserto.

O DIÁRIO DE MIGUEL TORGA: A “ÍNTIMA PESQUISA, SEM CONCLUSÃO POSSÍVEL”¹

Clara Rocha

Situar o *Diário* de Miguel Torga na linhagem dos *Essais* de Montaigne é quase inevitável, depois de em 1982 Pierre Veilletet ter publicado no jornal *Sud-Ouest Dimanche* o artigo “Aujourd’hui, Montaigne est portugais. C’est Miguel Torga”², saudando a edição de *En franchise intérieure. Pages de Journal (1933-1977)*.

O parentesco entre os dois textos deve-se, antes de mais, a uma consciência explícita da finalidade da escrita do eu. “C’est moi que je peins”, escreveu Montaigne no “Avis au lecteur” que antecede os dois primeiros livros dos *Essais*, cuja primeira edição data de 1580. Sabemos como Montaigne teve um papel inaugural no dizer literário da interioridade e da autocompreensão, e como nele radica a concepção do eu que nos é hoje familiar, com a sua reflexividade e as suas implicações linguísticas. Numa obra de fôlego intitulada *Sources of the Self*³, que traça a genealogia da noção de indivíduo ou de pessoa humana desde o pensamento grego até à literatura contemporânea, Charles Taylor salientou o papel decisivo do autor dos *Essais* na formação da identidade moderna e a singular experiência de exploração do eu que cometeu. Escreve Taylor:

“(…) Derrière l’exploration du moi moderne se trouve le présumé que nous ne savons pas à l’avance qui nous sommes.

Il s’agit d’un tournant dont l’acteur principal est sans doute Montaigne.

(…) Nous cherchons la connaissance de nous-mêmes, mais il ne s’agit plus simplement d’un savoir impersonnel sur la nature humaine, comme c’était le cas chez Platon. Chacun de nous doit découvrir sa propre forme. Nous ne cherchons pas la nature universelle; chacun cherche son être propre”⁴.

Mesmo se Montaigne formula lapidariamente a ideia de que “chaque homme porte la forme entière de l’humaine condition”⁵, o certo é que o propósito da sua monumental empresa autográfica é objectivar a singularidade irrepitível dum eu, muito mais do que procurar um conhecimento geral sobre a natureza humana. Nisso, e conforme sublinha ainda Charles Taylor, se diferencia de Descartes:

“Le contraste avec Descartes est d’autant plus frappant que Montaigne est à l’origine d’un autre type d’individualisme moderne, celui de la découverte de soi, lequel diffère de la découverte cartésienne autant par son but que par sa méthode. Son objectif est d’identifier l’individuel dans sa singularité inimitable, alors que le cartésianisme propose une science du sujet dans son essence générale”⁶.

O *Diário* de Torga é também, no laborioso registo

¹ Texto reproduzido a partir do livro de Clara Rocha *O Cachimbo de António Nobre e Outros Ensaios*, Lisboa, D. Quixote, 2003.

² Pierre Veilletet, “Aujourd’hui, Montaigne est portugais. C’est Miguel Torga”, in *Sud-Ouest Dimanche*, 30/5/1982.

³ Charles Taylor, *Sources of the Self*, Harvard University Press, 1989 (trad. francesa: *Les sources du moi. La formation de l’identité moderne*, Paris, Seuil, 1998).

⁴ Id., *ibid.*, pp. 234 e 237.

⁵ Montaigne, *Essais*, Paris, P.U.F., 1978, 2 vols., p. 805.

⁶ Charles Taylor, *op. cit.*, p. 237.

dos dias e dos anos, o lugar onde um eu se procura. Sem dúvida que, na diversidade temática que o género diarístico consente e na tensão que nele se joga entre uma força centrípeta e uma força centrífuga, é também muitas outras coisas: testemunho de um tempo e de um espaço, registo da paisagem física e humana, procura duma identidade colectiva, relato de viagens, anotação e comentário de leituras, reflexão sobre a prática da medicina, justificação da escrita (“Escrever é um acto ontológico”), definição de uma poética, desejo de deixar uma marca no mundo e de vencer a morte, interrogação metafísica, responsabilização social e protesto. Mas todas estas dimensões do texto definem afinal o cunho de uma voz, a impressão digital deixada por um eu no papel.

A singularidade desse eu decorre essencialmente da sua condição de poeta, imagem que se desenha, aliás, em toda a obra torguiana, destacando a ideia dum *factum* e a supremacia duma certa forma de visão que é ao mesmo tempo um dom e uma condenação. Marcadamente presencista, a ideia duma aristocracia poética surge arreigada em Torga, aliada a uma mitologia órfica em que se destacam vocábulos como “inspiração”, “canto”, “musa”, “lira” ou “melodia”. E a imagem do Poeta, tão determinante na sua escrita e na sua vida, é a imagem fundadora da sua identidade, a sua verdade e a sua ficção, a sua realidade e a sua figuração, o seu rosto autêntico e a sua prosopopeia ou máscara retórica. Não é por acaso que o primeiro volume do *Diário* abre com o poema “Santo e senha”, que no registo da terceira pessoa do singular apresenta a figura enigmática, sonâmbula e marginal do poeta: “Deixem passar quem vai na sua estrada. (...)”⁷

Este poema de abertura, no limiar de um diário que irá recobrir um lapso temporal de mais de sessenta anos, cumpre a função de inscrição ou prómio que Philippe Lejeune assinalou em *Genèses du “Je”*, ao escrever que

“Le début d’un journal est presque toujours souligné: il est rare qu’on commence sans le dire; on marque d’une manière ou d’autre ce nouveau territoire d’écriture: nom propre, titre, exergue, engagement, présentation de soi”⁸.

⁷ Miguel Torga, *Diário*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, vols. I-VIII, 1999, p. 31.

⁸ Philippe Lejeune, “Comment finissent les journaux”, in Philippe Lejeune et Catherine Viollet (orgs.), *Genèses du “Je”. Manuscrits et autobiographie*, Paris, CNRS Editions, 2000, p. 209.

⁹ Miguel Torga, *op. cit.*, vols. IX-XVI, 1999, p. 1530.

¹⁰ Montaigne, *op. cit.*, p. 601.

Mas no incansável processo de autodescoberta e de autocriação que se estende ao longo dos dezasseis volumes do *Diário*, o sujeito autobiográfico vai complexificando a configuração do seu eu. A leitura sequencial da obra torna patente esse processo de amadurecimento reflexivo, sublinhado de resto por uma escrita também ela menos imediata e cada vez mais trabalhada. Ser repartido no tempo, “nó cego de contradições”, esse eu conflitual e dilacerado segrega, com o passar dos anos, uma imagem de si que é paradoxalmente presença plena e virtualidade, fechamento e exploração em aberto, sedimentação e latência: “Morro sem saber nada de mim”⁹, escreve em finais de 1984. Nesta, como noutras notas do *Diário*, exprime-se a ideia da impossibilidade de fixação duma imagem. E também esta consciência da realidade mutável de um ser aproxima Torga de Montaigne.

No autor francês, a consciência aguda da inconstância da vida humana e da mudança perpétua tem no seu cerne um episódio biográfico, a perda irreparável do seu amigo querido La Boétie, o único que, como nos diz, verdadeiramente o conhecia. Montaigne escreve no Livro II:

“Il n’y a aucune constante existence, ny de notre estre, ny de celui des objets. Et nous, et nostre jugement, et toutes choses mortelles, vont coulant et roulant sans cesse (...). Nous n’avons aucune communication à l’estre, parce que toute humaine nature est toujours entre le naistre et le mourir, ne baillant de soy qu’une obscure apparence et ombre, et une incertaine et debile opinion. Et si, de fortune, vous fichez votre pensée à vouloir prendre son estre, ce sera ne plus ne moins que qui voudrait empoigner de l’eau”¹⁰.

Nesta impressiva imagem da água que foge por entre os dedos, Montaigne sintetiza a ideia da fugacidade e da mudança, e assume a resistência do eu a uma descrição essencialista. Mas é precisamente essa resistência que convida à auto-análise, e que a justifica. Mais do que a sua natureza exemplar ou universal, essa auto-análise visa descobrir os contornos singulares de um eu, sabendo que nunca alcançará o conhecimento definitivo da sua forma.

Ora numa nota datada de 11 de Janeiro de 1974, e incluída no décimo segundo volume do *Diário*, Miguel Torga escreve o seguinte:

“Uma palavra tranquilizadora a alguns leitores devotados, apreensivos quanto ao desfecho deste registo impresso dos meus dias, que o último poema do último volume inculcava como ali terminado. Habitados à sua leitura, querem que ele continue. E continuará, decerto, pois, mesmo que eu pensasse o contrário, a vida é rica demais para caber em qualquer premeditação. Apesar do nome próprio com que o assino e de parecer um retrato em corpo inteiro, o traslado não passa de uma íntima pesquisa, sem conclusão possível. No instante em que eu dissesse *sou isto*, nada mais haveria a acrescentar. Mas, como nunca saberei o que sou, nunca a caneta terá sossego. De aí que a cada vigésima quinta hora suceda fatalmente uma vigésima sexta, e a esta, verosimilmente, uma vigésima sétima, embora em cada uma esteja tudo consumado.

Cegarrega, obra sem remate, só a morte lhe poderá dar fim. Um fim triste, de resto, pois que a extensão que tiver viverá sempre da procura encarniçada e vã de um núcleo, que seria, se fosse encontrado, a luz de uma cruciante negrura. Ponto dorido que a ostra, mais feliz, ao menos identifica facilmente, e à volta do qual segrega um calo de defesa a que os outros depois chamarão pérola...”¹¹.

Esta nota, que constitui um dos vários exercícios de reflexão em torno da empresa diarística disseminados ao longo da obra, equaciona, tal como o fragmento de Montaigne acima citado, a questão da fixação do eu no discurso. A pretexto de uma resposta aos seus leitores, Torga enuncia nela as razões de uma autografia em extensão, acompanhando o curso de uma vida, escrita sem fim a que só a morte poderá pôr termo. A “íntima pesquisa, sem conclusão possível” é inesgotável, diz-nos o sujeito autobiográfico, porque também a diversidade da vida o é, e porque a autognose é um desafio sempre em aberto. Em Torga não há descanso, nem há pacificação. A expressão dessa inquietação é o incessante recomeçar do dizer, de que o diário, no seu fragmentarismo e na sua cerrada regularidade, é o coerente suporte genológico. Não é por acaso que o fim do *Diário* coincide em Torga com o fim da escrita. O autor sempre desejou escrever o Sétimo Dia d’ *A Criação do Mundo*, aquele que seria o remate catár-

tico e contemplativo do seu romance autobiográfico, a pedra final e decisiva do *puzzle* do eu. Mas, não tendo podido fazê-lo, o *Diário* passou a ser a partir de meados dos anos 80 o seu lugar de escrita exclusivo, aquele em que concentrou todas as forças, o terreno onde procurou a sua inteireza e onde lutou contra a morte. Os últimos volumes testemunham o combate corpo a corpo que travou com ela. Virtualmente infinito à partida, no longínquo começo de Janeiro de 1932, o *Diário* vislumbra, a partir de certo momento, a rarefacção do tempo vital e a aproximação do fim. A continuação da escrita torna-se então um exorcismo, e cada novo volume publicado, uma conquista. Nas palavras de Philippe Lejeune, o diarista “entre dans un espace fantasmatique où l’écriture enjambe la mort – post-scriptum infini”¹².

Cada um desses volumes termina como se fosse o derradeiro, e o eu tematiza no poema com que os encerra o fim da escrita e o fim da vida. Philippe Lejeune debruçou-se, no seu estudo intitulado “Comment finissent les journaux”, sobre estes “rituels de clôture”, rituais de fim ou encerramento parcial que pressupõem, afinal, a continuação do diário. Por vezes, eles coincidem com o fim do suporte, por exemplo o fim do caderno de notas e o começo de novo caderno. No *Diário* de Miguel Torga, eles surgem reiterados a partir do vol. XI, cujo poema de fecho, intitulado “Missão”, remete para o “Deixem passar...” do “Santo e senha” inaugural, numa sugestão de encerramento dum ciclo, a que alude precisamente a nota de 11 de Janeiro de 1974. No final do volume XIII, o poema “Viático” tematiza de forma ainda mais explícita uma despedida:

“Levarei um poema.
Não quero outra bagagem.
E com ele pagarei
A passagem
Na barca de Caronte.
Um poema que conte,
Sem contar,
O derradeiro olhar
Que der ao mundo.
Um soluço de luz, paralisado
No fundo
Da retina.
Um relance de pânico, cantado
Por quem já desde a infância o imagina”¹³.

¹¹ Miguel Torga, *op. cit.*, vols. IX-XVI, pp. 1268-1269.

¹² Philippe Lejeune, *op. cit.*, p. 211.

¹³ Miguel Torga, *op. cit.*, vols. IX-XVI, p. 1456.

Mas, pela própria natureza da enunciação diarística, que intercala vida e escrita, a anotação quotidiana prossegue, atenta ao curso do mundo e do eu. Ao contrário do que acontece na autobiografia, onde a narrativa de vida termina no presente do acto de enunciação, no diário há sempre a possibilidade de recomeçar, de inscrever mais um dia, de cobrir de palavras mais um caderno. E no volume XIV, as duas entradas finais voltam a ritualizar o fecho do *Diário*: a nota de 2 de Janeiro de 1987 (“Um passo a mais neste caminho de lucidez impiedosa, e fico sem pé na vida”) e o poema “Estuário”, onde a voz do sujeito encontra a sua figuração num rio que chega à foz e que, “(...) na exaustão da caminhada,/ Encontra finalmente a paz calada,/ O eterno repouso da mudez”. Estas cláusulas podem ser entendidas de duas maneiras: como um esconjuro, ou como o meditado acto literário de remate de uma obra, cujo início foi também balizado por um poema. Seja como for, na condensação e no dizer metafórico próprios do poema encontra o diarista a forma lapidar de fechar o círculo e de intensificar a mágoa do fim da escrita. E é também num poema, o mais pungente de todos, que no final do volume XVI se despede definitivamente do diário, da escrita e da vida.

O que é perturbador no *Diário* de Torga é a forma como estes momentos de fecho ou fim se inscrevem numa obra que, na nota de 11 de Janeiro de 1974, se diz inconclusa e “sem conclusão possível”. Ou seja, a tensão que nele se gera, sobretudo nos últimos volumes, entre a certeza do fim como horizonte de expectativa e o dinamismo de uma escrita “à suivre”. Para utilizar uma fórmula de Philippe Lejeune, “le journal de la fin est une lutte contre la fin”¹⁴. No desespero dessa obstinação, a escrita sobrevive à morte, e o *Diário*, na macicez das suas quase mil e oitocentas páginas, permanece como imagem duma incansável procura, fiel à lição de Montaigne: “Et si, de fortune, vous fidez votre fortune à vouloir prendre son estre...”.

¹⁴ Philippe Lejeune, *op. cit.*, p. 219.



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA